

I N C E R T E Z A

Perdido e sózinho no mundo,
não sei o por quê (?) não sei como (?)
Nêste estado de incerteza
enfrento uma terrível problemática:
o que faz do homem a vida ?

.....
Me entrego ao pensamento.
A vida não nos pede permissão
e sim, ordena, e nós mesmo que
contra a vontade, temos de obedecer.

O veículo que nos transporta
através da estrada do tempo
é o vento, e dêle estamos à mercê.
Sujeitos a seus furacões e tempestades.
Dependemos de seu roteiro.
Se, sua estrada fôr de sol
semeada de chuva,
sempre haveremos de encontrar
o terreno sêco e firme.
Porém, se o seu caminho fôr de chuva
semeado de sol,
o que haveremos de encontrar
hãõ de ser terrenos enlameados
e nós certamente atolaremos.

Não podemos parar.
O vento não nos dá tempo.
êle segue e não espera.
No vento existe ar
e se é o ar que nos sustenta,
não podemos de forma alguma
deixar que dêle nos percamos,
senão, morreremos.

Temos que lutar e lutar,
e eu dou-lhes mais uma razão:
o vento também pode morrer
durante a nossa jornada.

Se tal acontecer, isto é,
se notarmos que seu fim chega,
teremos a certeza, de que,
também nosso será o fim.
É a vida que nos impõe as condições:
Se nós a aceitarmos, seremos homens,
Caminharemos confiantes em nosso ego
e a vitória estará mais perto;
Se, ao contrário nos acovardarmos,
as pernas tremerão, os passos serão curtos
e, o mais certo será o vazio da consciência
e nesta inexistência chega a morte.

Não sei se a covardia seria pior
do que o estado em que me encontro.
O vento é apenas uma brisa. Não
Não tem fôrças para me levar, ar
nem tão pouco me mata,
pois êle também não morre.
Não segue e não se entrega,
apenas me alimenta no mesmo lugar.
Nesta proposição, de ser,
talvez como "Télémond". -
viver por uma liberdade,
fruto de nossa alma, o ser ou
e sem nunca consegui-la -
o horror da incerteza me abala.
Estou entre a vida e a morte:
Sem saber se quero morrer,
sem saber se quero viver.

Petrópolis, 10 de abril de 1969

Paulo Fernando Jzjel